

COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO DA SENTENÇA

- Resenha -

Por Gláucia do Carmo Xavier¹

KATO, Mary A.; NASCIMENTO, Milton do (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: volume 2: a construção da sentença*. São Paulo: Contexto, 2015.

A obra “A construção da sentença”, recém-publicada, traz nomes importantes da área da Sintaxe como Mary Kato, Milton do Nascimento, Carlos Miotto, Jairo Nunes, Ruth Lopes e tantos outros no estudo e na compreensão de como se dá a formação da sentença. A obra subdivide a sentença em partes a serem debatidas e explicadas como complementação, predicação e adjunção. Nesse trabalho, os organizadores e autores dos capítulos souberam, sabiamente, trazer o tema “sintaxe” a professores e estudantes da língua de uma forma repaginada. Essa nova roupagem ao tema se deu a partir de capítulos que abordam a sintaxe não de uma forma tradicional vista pela gramática normativa, nem tampouco sob um viés funcionalista, embora a obra faça parte de uma coletânea que utiliza dados do NURC, ou seja, falas reais, do português culto falado no Brasil. Apesar de não deixar explícito o viés marcadamente gerativista, o que a obra faz é isto: apresenta, de acordo com os moldes da Teoria Gerativa, como a sentença é construída em nossa gramática mental.

O que torna a obra diferenciada e oportuna é o fato de lidar com a sentença (diferentemente do enunciado, p. 14), ou seja, algo abstrato, de forma leve e de fácil compreensão. Além da maneira pouco complexa de expor sobre a formação da sentença, contrariamente a muitos textos gerativistas, o volume em estudo consegue

¹ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa da PUC-MG, professora de dedicação exclusiva do Instituto Federal de Minas Gerais. glaucia.xavier@ifmg.edu.br

relacionar sintaxe e discurso com uma explicação unificada (p. 233), chamado pelos autores de interface sintaxe-discurso. A proposta da obra é “tomar os eixos semântico e sintático não como excludentes, mas como complementares” (p. 39).

Assim, de forma prática, os temas são tratados sob diversas perspectivas. Usa-se do desempenho do falante para explicar sua competência linguística e como isso se dá no momento da formação da sentença. Conjuntamente e a partir da sintaxe, analisa-se como a semântica se dá. Os autores afirmam que as generalizações semânticas são determinadas pela estruturação da relação do predicador e de seus argumentos (p. 39).

Alguns temas que já se faziam urgente o debate são trazidos como, por exemplo, o entendimento dos verbos inacusativos e inergativos (a partir da p. 48), que, conforme os autores postulam, é um dos temas sobre estudos gramaticais mais interessantes em análise nas últimas décadas. A noção de verbo intransitivo torna-se insuficiente quando nos deparamos com sentenças como “Os últimos combatentes sumiram” (p. 49). Assim, dentro da categoria de verbos monoargumentais, há duas classes distintas, a dos verbos que selecionam apenas argumento interno e a dos verbos que selecionam apenas argumento externo.

Outro tema de grande relevância na interface sintaxe-semântica é o da atribuição do papel temático aos argumentos de uma sentença e a realização sintática deles, ou seja, a posição desses argumentos e a relação disso com a interpretabilidade, incluindo aí, o estudo da metáfora (p. 43). Por outro lado, sentimos falta do reconhecimento da categoria aspecto, já tão solidificada nos estudos gramaticais e principalmente nos estudos gerativistas, que inclusive é a perspectiva claramente assumida na obra, apesar de ter o nome da Teoria Gerativa explicitada apenas nas “sugestões de leituras” (p. 186), parte integrante dos capítulos que antecede às notas de rodapés. Voltando ao tema aspecto, ele só é abordado no final, no capítulo Adjunção (a partir da p. 160), sendo ignorado nos capítulos “Complementação” e “Predicação”. É também só no final da obra, no capítulo sobre “Relativas, clivadas e interrogativas” que, pela primeira vez, há a manifestação no corpo do texto a respeito da literatura gerativista (p. 214).

Semelhante à Teoria Gerativa, o livro explora tanto o poder descritivo quanto o poder explicativo da construção da sentença. Há capítulos, como o da “Complementação” que são muito explicativos, com o desenho de árvores sintáticas e sua estrutura de ramificação binária, tão característica do gerativismo. Já o capítulo

seguinte, sobre “Predicação”, apresenta trechos bem descritivos com muitos exemplos do NURC.

Outro ponto positivo é o fato de a obra descrever mudanças ocorridas no Português Brasileiro e tentar explicá-las (p. 118). Por vezes, isso é feito a partir da comparação da gramática tradicional com os estudos sintáticos. Essa comparação é bem vista, pois localiza o leitor e ajuda-o a compreender determinadas operações que ocorrem no Sistema Computacional durante a construção das sentenças. Há determinados trechos que não só há a comparação da gramática normativa com a gramática mental como também há explicação de fenômenos, como o da clivagem, ausentes na gramática normativa (p. 197).

Uma sugestão que poderíamos deixar para os autores, quando estudamos sintaxe no viés de uma estrutura mental, é que as árvores não devem ser economizadas. Elas são altamente ilustrativas e imprescindíveis, principalmente para alunos de graduação e pós-graduação quando querem compreender como a sentença é construída. Mesmo havendo a presença de muitas árvores, elas fizeram falta no estudo das pseudoclivadas (p. 221), das sentenças que contêm verbos transitivo, auxiliar e leve, simultaneamente (p. 75), no capítulo “Adjunção” e também no caso dos verbos psicológicos refratários à passivização.

Por fim, o estudo de “Adjunção” mostra que os adjuntos não são tão acessórios como parecem. A obra postula que, sob um viés sintático, eles não são tão livres e nem sempre podem ocupar qualquer lugar na sentença. O que se nota é que eles “são elementos bem comportados no que se refere a posições que possam ocupar” (p. 156). O desfecho ocorre quando a adjunção é considerada, pelos autores, como uma operação que conecta as regras sintáticas a maneiras do seu uso, chegando, portanto, a uma dupla face da adjunção (p. 245), a qual conecta as propriedades da Língua-I à organização dos enunciados.

Em suma, “A construção da sentença”, que acaba de sair do forno, não poderia ter chegado em melhor hora, pois aborda as questões sintáticas e explica detalhadamente como a sentença é formada, de que maneira um predicador seleciona seus argumentos, como e “onde” ocorre a atribuição de papéis temáticos e como as operações de movimentos sintáticos ocorrem no Sistema Computacional. Todos esses processos sintáticos são debatidos de um lado, e o uso da língua de outro. Assim, a

interface sintaxe-discurso engloba as funções sintáticas de predicação, complementação e a dupla face da adjunção.